

# O ESPORTE LÚDICO: UMA ALTERNATIVA PARA A PRÁTICA ESPORTIVA DENTRO DA ESCOLA.

Derli Juliano Neuenfeldt<sup>1</sup>  
Joseane Maróstica<sup>2</sup>  
Márcio Luiz Weirich  
Pedro Cardoso

## RESUMO

Este trabalho acadêmico foi desenvolvido na disciplina de Handebol I, do Curso de Educação Física da UNIVATES, realizado no 1º semestre de 2003. Teve por objetivo analisar a possibilidade da ludicidade estar presente no esporte escolar em contrapartida aos valores do esporte de alto rendimento. Para que isso fosse possível, amparou-se em autores que pesquisaram a realidade do esporte e/ou que apontam propostas de ensino como subsídios pedagógicos para os professores de Educação Física que querem desenvolver, em sua prática pedagógica, um esporte que privilegie a participação de todos, a criatividade e, principalmente, a ludicidade. Destacam-se Kunz (2000), que escreve sobre a transformação didático-pedagógica necessária ao esporte; Hildebrandt e Laging (1986) que apresentam uma concepção aberta no ensino da Educação Física que oportuniza a participação dos alunos na tomada de decisões do processo de ensino-aprendizagem; Taffarel (1985) que defende a importância do desenvolvimento da criatividade nas aulas de Educação Física; Santin (2001) que aborda a ludicidade e Huizinga (2000) que identifica o *homo ludens* como uma característica inerente a todo ser humano, mas que está sendo ameaçado na sociedade contemporânea. Conclui-se que é necessário modificar o esporte praticado na escola, pedagogizá-lo, ou seja, os alunos devem ser estimulados a pensar criticamente sobre o modelo de esporte hegemônico em nossa sociedade e em formas de reconstruí-lo, de maneira que se torne menos excludente e mais participativo, para que todos possam praticar independente do seu rendimento, pois a seletividade não tem espaço nas aulas de Educação Física escolar.

**Palavras-Chaves:** Handebol, Lúdico, Educação Física, Esporte e Escola.

## Introdução

Muito se questiona a prática do esporte dentro da escola, primeiramente por ela trazer todos os elementos do esporte de rendimento que é praticado fora do âmbito escolar e que fortemente é mostrado e exaltado pela mídia. Dessa forma, os professores que atuam nas escolas, muitas vezes, realizam um trabalho em cima dos esportes, enfocando o aspecto do rendimento, que pouco se diferencia dos trabalhos realizados em clubes ou escolinhas. Ao se seguir este modelo de esporte ocorre o

---

<sup>1</sup> Prof. Ms. do Curso de Educação Física da UNIVATES

<sup>2</sup> Acadêmicos do curso de Educação Física.

processo de exclusão de muitos alunos, pois alguns não conseguem realizar os movimento com a mesma rapidez e precisão que seus colegas; ou então, para não criar conflitos permite-se que os próprios alunos decidam o que será trabalhado em aula.

Dessa forma, surgiram algumas questões muito relevantes que desejamos compreender um pouco mais sobre o esporte e o seu caráter lúdico, muito esquecido entre os profissionais da área da Educação Física como um todo:

- Analisar, a partir de autores, como o esporte sob um prisma lúdico se caracteriza e como ele se manifesta no meio escolar e

- Conhecer algumas concepções, que possam dar abertura para se procurar entender o esporte lúdico de forma a mostrar no decorrer do artigo formas de trabalhar no contexto escolar.

Para que isso fosse possível, procuramos trazer alguns autores que possam embasar o trabalho de forma a dar um maior amparo às idéias sugeridas. Procuraremos também mostrar que existem formas diferenciadas de se trabalhar o esporte dentro da escola, privilegiando a participação dos alunos, a criatividade e, principalmente, a ludicidade. Podemos citar alguns autores como Elenor Kunz que escreve sobre a transformação didática pedagógica do esporte; Hildebrandt e Laging que escrevem sobre a concepção aberta no ensino do esporte; Taffarel que propõe o desenvolvimento da criatividade nas aulas de Educação Física; Santin que escreve sobre a ludicidade e Huizinga que fala sobre o surgimento do homo ludens na sociedade contemporânea. Citamos estes autores para ressaltar que serão os que mais fortemente irão aparecer em nosso trabalho, mas sabemos que há outros que poderíamos fazer referência.

Torna-se necessário e muito forte informar que a intenção deste artigo não é julgar o trabalho que os professores vem realizando no âmbito escolar, nem mesmo discutir sobre como o esporte vem sendo praticado dentro da escola. Mas, sim, estamos utilizando o contexto atual do esporte escolar, para demonstrar brevemente como o esporte é trabalhado na escola, para então evidenciar a alternativa do esporte lúdico, que é defendido por nós, como acadêmicos do curso de educação física, e por muitos autores, que se especializaram em dissertar sobre e, trabalhar na área da Educação Física escolar.

## **O ato de brincar e o esporte**

Muito se tem falado e dissertado sobre o que é a ludicidade, o estado lúdico do ser, mas defini-la exatamente é algo que exige, tanto do professor, que já está atuando na área como do que está em formação, muita leitura e reflexão sobre a temática. O ato do lúdico ou como alguns autores chamam, o jogo (Huizinga, 2000) vem desde o surgimento das civilizações, como a da Grécia antiga, por exemplo, que tinha, dentro de sua cultura, muitas festas, pagãs ou religiosas, o desenvolvimento de rituais e de jogos que tinham a função de divertir a população, ou mesmo trabalhar todo o lado inconsciente de satisfação do ser.

Mesmo as atividades que visam à satisfação imediatas das necessidades vitais, como, por exemplo, a caça, tendem a assumir nas sociedades primitivas uma forma lúdica. A vida social reveste-se de formas suprabiológicas, que lhe conferem uma dignidade superior sob a forma de jogo, e é através deste último que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo (Huizinga, 2000, p. 53).

Nas primeiras análises feitas por Huizinga (2000) o jogo, ou ato lúdico, encontra-se presente nas primeiras sociedades desde a Idade Antiga. Sua presença se confirma, também, através de vocábulos que exprimem os sentimentos da época e variando através da interpretação que cada sociedade realizava de seu cotidiano. Percebe-se que o elemento lúdico encontra-se na base da história de cada ser humano e da humanidade como um todo.

Provavelmente, não é por acaso que nos mesmos povos que possuem um “instinto” de jogo bem pronunciado encontramos diversas expressões distintas para designar a atividade lúdica... O grego tem na desinência *-inda* uma designação extremamente curiosa e específica para os jogos infantis. Em si mesmas estas sílabas nada significam, limitando-se a dar a qualquer palavra a conotação de “jogar” alguma coisa”. O sufixo *-inda* é indeclinável e lingüisticamente irreduzível. As crianças gregas jogavam *sfairinda* (à bola), *helkustinda* (à corda), *streptinda* (jogo de arremesso) ou *basilinda* (ao reizinho). A completa independência gramatical deste sufixo é como se fosse um símbolo da natureza inderivável do conceito de jogo (HUIZINGA, 2000, p. 34).

Realizando-se uma análise mais profunda, verifica-se que esta nova base de trabalho está gerando mudanças muito significativas no enfoque dado ao lúdico na área da Educação Física, seja como disciplina acadêmica ou prática escolar. Isto é, uma forma de mudar o olhar, onde o ser humano não mais é visto como uma máquina que

está aqui apenas para produzir, mas sim para auxiliar na evolução da sociedade da qual faz parte, através do resgate do seu EU lúdico.

Para Huizinga (2000, p. 33), “o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’”. Pela definição deste autor reforçam-se os argumento acima quando refere-se a presença do lúdico, ou do jogo presente no ser humano.

Não se pode dizer que há uma atividade lúdica, pois não são as atividades, mas os valores vividos e realizados por aquele que brinca que torna lúdica uma ação. Assim, essa ação lúdica, vinculada ao inventor do brinquedo, depende de alguns elementos, capacidade e situações indispensáveis para se falar em ludicidade e em *homo ludens*. Neste sentido somente o ser humano é capaz de brincar, porque só ele consegue reunir todos os elementos exigidos para criar a brincadeira (Santin, 2001, p. 25).

Verifica-se assim que tanto a definição de Huizinga como Santin demonstram que o ato de brincar é totalmente proveniente de cada ser humano, trabalhando com a sua individualidade e os valores adquiridos nos contextos familiar, religioso e escolar; pois estes contextos forma a base da socialização do ser humano nos seus primeiros anos de vida, ou seja, da criança em relação as suas descobertas do mundo que a cerca.

Reforçando a importância da ludicidade, como mudança na área de trabalho dos educadores da educação física, utiliza-se a obra de Santin (2001), “*Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento*”. Nesta obra o autor fala de elementos do lúdico para o resgate do *humano do homem* e que o esporte, sendo uma atividade humana, é um ato lúdico, que sofreu uma distorção por parte da sociedade contemporânea capitalista, ligando-o ao rendimento, pós-revolução industrial. O homem passa a seguir o modelo da máquina. Os elementos citados pelo autor são:

➤ **A capacidade de simbolizar:** o ato de simbolizar significa construir um conceito sobre algo, seja um objeto ou um ato psicomotor do ser humano. Segundo Santin (2001), o brinquedo nasce desse poder de simbolizar, exatamente porque atribuímos

aos objetos ou aos recursos utilizados na brincadeira identidade, imagem e representações que queremos.

➤ **A criatividade:** esta, segundo elementos do lúdico, atrela-se ao anterior exatamente pelo fato do ser humano ser criativo e sendo assim atribuir os mais variados valores e significados ao que o cerca. Para Santin (2001), desde o momento em que o homem não está mais limitado a ver as coisas, os outros e a si mesmo dentro da ordem biológica, ele consegue criar novas criaturas e novas ordens. E, para Schiller *apud* Santin (2001), a ordem inventada pelo ser humano para as coisas primeiramente passa pelo lúdico para depois receber outras funções e formas, como ferramentas e o trabalho.

➤ **A liberdade:** sem a liberdade de criação, a criatividade e o simbolizar de nada adiantariam para o ser humano, pois eles estariam limitados como se estivessem em um caixa, tendo uma função inútil, ficando a criança sujeita as regras do jogo social, econômico, científico, técnico e esportivo dos adultos do mundo capitalista e globalizado.

➤ **A gratuidade:** este ato, o autor descreve como sendo uma sombra da liberdade, recebendo, primeiramente, a descrição de que não é imposto e exigido da criança e, em segundo lugar, não necessita receber nada em troca. Simplesmente é feita e isto é tudo.

➤ **A alegria:** “a vivência do ato de brincar se traduz em alegria” (Santin, 2001, p.25 ).

Pelo exposto acima, percebe-se a complexidade e a importância do ato do brincar para o professor; devendo sempre ter o lúdico presente em suas atividades, tentando resgatar nos seres humanos sua humanidade. Com isto, pretende-se demonstrar o quanto à prática do ato de brincar, aliada ao esporte; sem as camadas de maquiagem que recebeu da sociedade pós-revolução industrial; pode auxiliar o ser humano no seu contexto com ser individual e coletivo.

### **A alternativa do esporte lúdico-criativo no contexto escolar**

Logo que entramos na universidade uma enorme gama de informações nos é transmitidas de certa forma nos tornamos bastante céticos em relação ao esporte dentro do âmbito escolar. Mas, como muitos autores falam e agora vamos repetir, não

podemos negar o esporte, porém não podemos esquecer que ele é somente um conteúdo da Educação Física e não a Educação Física em si.

Através de algumas experiências e também de muita leitura podemos perceber que podemos fazer maravilhas com o esporte dentro da escola, tudo depende da vontade e da criatividade do professor.

Falando em criatividade esta pode ser uma alternativa do esporte lúdico dentro da escola e é isto que sugere Taffarel (1985).

Esta autora escreve sobre a criatividade dentro das aulas de Educação Física, dizendo que a criatividade é um ato integrador, que propõe a afetividade, a expressão corporal, a desinibição e a participação de todos nas aulas.

Do ponto de vista sócio-político, a extensão do ato da criatividade se traduz ou através de uma produção potencialmente útil à sociedade, através das atitudes de um ser social que, ao sentir-se capaz de criar, sente-se capaz de transformar, de mudar, de melhorar. A obtenção de uma identidade e segurança nas determinações próprias possíveis na criatividade poderá contribuir, tanto a nível individual, quanto coletivo, para uma superação das situações de dependência (Taffarel, 1985, p. 4).

A citação à cima fala de alguns benefícios para os alunos quando é trabalhado nas aulas de Educação Física o método da criatividade. Os professores de Educação Física devem parar de pensar que esta disciplina não é importante para os alunos nem mesmo para a escola, porque com esta visão muitos erros foram cometidos, muitas marcas foram deixadas em inúmeros alunos, muitos adeptos da Educação Física e dos esportes foram perdidos, por passarem a sentir repudia pelo esporte.

Quando trabalhamos em escolas, ou clubes, escolinhas de treinamento ou academias temos que ter em mente que nosso papel é de educadores e que temos a função de educar e de criar cidadãos, que hoje são pequenos mas que amanhã terão voz ativa dentro da sociedade. Dessa forma tudo o que formos trabalhar com nossos alunos irá refletir em sua educação e em sua forma de ser e agir.

A criatividade nas aulas sugere uma forma de trabalho onde os alunos participam da criação da aula. O professor lança uma idéia e determina os materiais e o espaço a serem utilizados. Os alunos devem, a partir dessa idéia inicial, criar uma atividade. Nesse método a autora prefere dividir a turma em grupos pequenos para que todos os

alunos possam opinar e participar da aula de forma ativa, modificando, criando, elaborando, discutindo e chegando a um consenso, juntamente com seus colegas.

Com esta metodologia estamos trabalhando inúmeros objetivos que vão desde a afetividade, respeito pelos colegas, criatividade, participação, colaboração, transformação e autonomia.

É importante destacar que o professor vai para a aula com um objetivo para esta e com objetivos para os alunos. Durante a aula o professor auxilia os alunos, passa pelos grupos estando sempre por perto para auxiliar na solução de qualquer problema que surgir no decorrer da aula.

Os alunos após algum tempo, sendo que este geralmente é combinado no início da aula, apresentam as suas criações para os colegas. Após a apresentação de um grupo é interessante os outros grupos terem a oportunidade de vivenciarem a atividade criada pelo outro grupo. Isto permite que haja uma integração nesse momento da aula entre todos os grupos e a experimentação do trabalho de cada um.

### **Concepções abertas no ensino do esporte dentro do contexto escolar: uma nova abordagem para as aulas de Educação Física**

O livro *Concepções Abertas no Ensino da Educação Física*, de Hildebrandt e Laging (1986), também trabalha com a criatividade, sendo que este enfoca somente para o esporte, enquanto que Taffarel propõe a criatividade em qualquer situação de aula, não enfatizando somente o esporte.

Hildebrandt e Laging (1986) propõem o trabalho com o esporte nas aulas de Educação Física de uma forma diferenciada, onde os alunos participam da criação desta. Vamos explicar esta concepção de uma forma mais clara.

O professor vai para a aula e lança uma proposta. Estes autores, porém preferem que as turmas sejam divididas em grupos pequenos para que todos possam participar de forma mais efetiva da criação da atividade. O professor lança a proposta, ele pode falar sobre as regras da brincadeira ou, ainda, criá-las em conjunto com os alunos. Distribui para os grupos os materiais a serem utilizados para desenvolver a atividade. Os alunos vão para os seus grupos e começam a opinar, todos devem dar sugestões. Após, passam para o estágio da experimentação das sugestões dadas. Por fim, os alunos devem escolher entre as sugestões de prática, uma que melhor se

adequou com o que o professor havia proposto no início da aula. O papel do professor é estar presente auxiliando os grupos dando sugestões e interferindo, caso ocorra alguma situação que possa prejudicar algum aluno ou a aula.

Hildebrandt-Stramann, em sua outra obra “Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física” fala mais profundamente sobre a concepção aberta ressaltando a importância de se trabalhar com a autonomia do aluno nas aulas.

Eu compreendo a aula como um processo de interação social, no qual o professor e os alunos definem suas situações de ação e, com isso, determinam também os seus significados. Os espaços e os graus de liberdade das definições de situações e das colocações de significados podem ser bem diferentes para os participantes de uma aula. Eu classifico uma aula de Educação Física, então, como fechada quando as definições de situação e as colocações de significados partem de uma forma unilateral do professor e quando nenhuma ou poucas possibilidades são oferecidas aos alunos de trazer suas próprias definições de situações (Hildebrandt-Stramann, 2001, p.47).

A citação anterior fala sobre interação social, e esta interação é de essência importância para a que a proposta da concepção aberta seja utilizada com sucesso nas aulas de Educação Física.

O aluno deve ter autonomia e ser capaz de atuar de forma a propor situações de aula em conjunto com o professor. Além disso, ele deve ser capaz de discernir entre o certo e o errado, mantendo sempre uma postura em aula onde o outro seja percebido, onde haja uma constante preocupação entre os alunos, com os colegas, visando sempre à participação de todos.

Segundo esta concepção os alunos devem se munir de instrumentos para após algum tempo ou aulas, eles poderem apresentar suas descobertas para os demais colegas, ou seja, cada grupo terá que dar uma aula para os demais colegas de forma a explicar os objetivos de seu jogo, a justificativa, os materiais utilizados e, após deverão demonstrar para os colegas o jogo criado. Esta concepção também sugere que todos, os grupos devam praticar as atividades desenvolvidas pelos demais grupos.

Hildebrandt-Stramann (2001), ressalta um que deve haver uma “negociação comunicativa”. Esta negociação se refere ao fato do professor não impor ao aluno as atividades a serem realizadas em aula, mas construí-las e formulá-las em conjunto com os mesmos.



Muitos de nossos colegas, alguns inclusive que já atuam na área, acham que trabalhar com a concepção aberta e o método criativo acaba por desestimular os alunos que estão em uma faixa etária mais avançada. Nós acreditamos que pelo contrário, uma aula baseada na concepção aberta e na criatividade pode ser muito interessante e até mesmo estimulante para os alunos. Acreditamos ainda que o segredo para tornar este modelo de aula interessante para os alunos é, na medida em que a faixa etária aumenta, aumentar também o nível de complexidade da atividade, ou seja, exigir mais dos alunos de acordo com suas capacidades.

Todas as questões abordadas até este momento, referentes à metodologia utilizada nas aulas de Educação Física, tem como único objetivo, refletir sobre a forma como o principal conteúdo da Educação Física, o esporte, é trabalhado dentro do contexto escolar.

Estamos citando estas concepções procurando demonstrar que existem alternativas para se trabalhar com a prática esportiva dentro da escola e que não seja aquela do esporte de rendimento. Estas formas de trabalhar o esporte, tanto dentro da criatividade, quanto dentro da concepção aberta, são formas que exigem a participação dos alunos, a união e força de vontade dos mesmos. O professor não trás nada pronto, são os alunos que devem criar, procurar e experimentar. Ao professor cabe mediar as situações que surgem no decorrer da aula, ele também deve estar presente para esclarecer dúvidas, dar sugestões, bem como estar atento para intervir nas situações que aparecem nos grupos, auxiliando os alunos fazendo com que todos participem dos seus grupos de forma ativa, sendo ouvidos e respeitados pelos demais colegas.

As duas abordagens cativam os alunos, prendendo-os aos objetivos da aula, que são: criar, interagir com os colegas, criando assim autonomia para realizar as atividades. As aulas que utilizam as concepções abertas e criativas proporcionam uma maior participação dos alunos, pois eles devem estar atentos às explicações do professor para compreender a proposta deste e a tarefa a ser realizada. Deve se dispor a criar, a escutar as opiniões dos colegas e decidir em conjunto com estes qual a melhor atividade para ser utilizada e apresentada para os mesmos. O ato de ter que criar, elaborar e após apresentar, torna-se uma atividade desafiadora para os alunos.

## **Transformação didático-pedagógica do esporte: uma proposta de Kunz para a transformação do esporte nas aulas de Educação Física**

Outro autor que possui alguns livros publicados na área e que escreve sobre a transformação didático-pedagógica do esporte é Kunz (2000).

Este sugere a transformação do esporte praticado dentro do contexto escolar, propondo que se criem objetivos para este, que se diferencie o esporte escolar do esporte de rendimento. Toda a sua obra sugere que se crie um esporte para a escola, que não se limite os movimentos deste aos movimentos padronizados. "Onde pretendo chegar, enfim, é ao questionamento: sob quais condições e de que forma o esporte deve ser praticado na escola?" (Kunz, 2000, p. 25).

O que a citação acima nos faz refletir é exatamente sobre o que já estamos falando desde o início deste artigo, ou seja, qual é o melhor esporte a ser praticado dentro da escola. Se somos educadores, quais são os objetivos que temos com nossos alunos? O que queremos desenvolver neles e como podemos fazer isso utilizando o esporte?

Segundo Kunz (2000, p. 25), "... o desenvolvimento da identidade exige uma conduta explorativa". Como os alunos vão tomar condutas explorativas nas aulas de Educação Física se os professores não proporcionam um contexto voltado para este objetivo?

O que Kunz e todos os demais autores que citamos e outros que não tivemos a oportunidade de citar neste artigo querem falar é que o esporte dentro da escola deve ser trabalhado de forma diferente do esporte praticado fora dela. Os objetivos do esporte lúdico escolar são mais abrangentes e visam o aluno como um ser integral e em desenvolvimento, impondo ao professor uma grande responsabilidade, com o desenvolvimento deste aluno.

O professor não deve se preocupar em implantar dentro da escola o esporte de rendimento, ele deve se propor a auxiliar os alunos no sentido de serem mais críticos com o que vêem na televisão sobre o esporte. O professor deve abrir caminhos para que os alunos possam compreender os pontos positivos e negativos do esporte, como também propor alternativas de aulas onde os alunos não precisem ficar presos a atividades de mera reprodução de movimentos, não que não sejam importantes, mas

devemos exigir mais dos alunos, eles devem poder modificar o jogo, a forma de jogá-lo e também as suas regras.

É importante que a criatividade e, quando dizemos criatividade estamos também nos referindo a ludicidade, acompanhe todas as séries.

Quanto a ludicidade no esporte escolar, podemos dizer que a partir do momento que o aluno se desprende do movimento padronizado e das regras de jogo, já estamos trabalhando com a ludicidade. Quando o aluno participa da elaboração da aula, da criação de atividades, da elaboração de materiais e também da criação de regras que se adequem as suas reais situações de jogo, então, estamos trabalhando o esporte lúdico.

No contexto do esporte criativo e participativo não temos como deixar de fora o elemento da ludicidade.

## **CONCLUSÃO**

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (Kunz, 2000, p. 31).

O presente artigo, desde o início se preocupou em falar do esporte lúdico praticado dentro da escola, sempre procurando não se tornar repetitivo no momento de falar, principalmente, da ludicidade.

Por este e outros motivos procuramos trazer para o estudo componentes que sustentem a prática do esporte lúdico dentro do ambiente escolar. Para que isso fosse possível nos preocupamos em fundamentar o artigo citando alguns autores que escrevem sobre o tema esporte dentro da escola.

Não queremos falar de ludicidade de forma teórica, mas sim de forma teórica-prática, para que possamos aproximar a ludicidade do esporte e até mesmo de nós, pois este assunto muitas vezes nos parece distante e difícil de ser trabalhado dentro da escola.

Todos os autores citados possuem uma linha de pensamento semelhante, ou seja, é necessário modificar o esporte praticado dentro da escola, torná-lo pedagógico, criar objetivos diferenciados para este do esporte que é praticado fora da escola e principalmente aproximar o esporte dos alunos, fazer com que sintam gosto em praticá-lo e acabem dessa forma, levando esta prática para toda a sua vida. Outra questão importante que sugere estes autores é a participação de todos os alunos nas aulas. Através das concepções citadas neste artigo podemos perceber claramente que não existe uma preocupação com o rendimento, muito menos com a velha questão que aparece nas tradicionais aulas de Educação Física, a seletividade de alunos, os tidos como aptos para praticar determinada modalidade esportiva, o que sempre acaba por excluir os então ditos inaptos.

A preocupação deste artigo e também dos autores citados é de mudar a Educação Física e seus conceitos. A Educação Física deve incentivar a participação de todos, a criatividade, a exploração, a cooperação, entre outros fatores.

Concordamos com Kunz que destaca, na citação inicial, de que quando estamos trabalhando com os alunos temos que ter em mente que estamos ajudando pequenos cidadãos a se desenvolver. Mesmo sendo professores de Educação Física temos um grande compromisso com o desenvolvimento da aprendizagem desses alunos, seja esta tanto, intelectual ou moral.

Os alunos em nossas aulas devem ser estimulados a pensar, a criar, a criticar e também a questionar. Dessa forma as aulas de Educação Física se tornam mais envolventes, menos excludentes e mais participativas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HILDEBRANDT, R. LAGING, R. Concepções Abertas no Ensino da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1986.

HILDEBRANT-STRAMANN, R. Textos pedagógicos sobre o ensino do esporte. Ijuí: UNIJUÍ. p. 113-142. 2001.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

SANTIN, Silvino. Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 3ª Ed. Porto Alegre: EST Edições. 2001

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. 4ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.